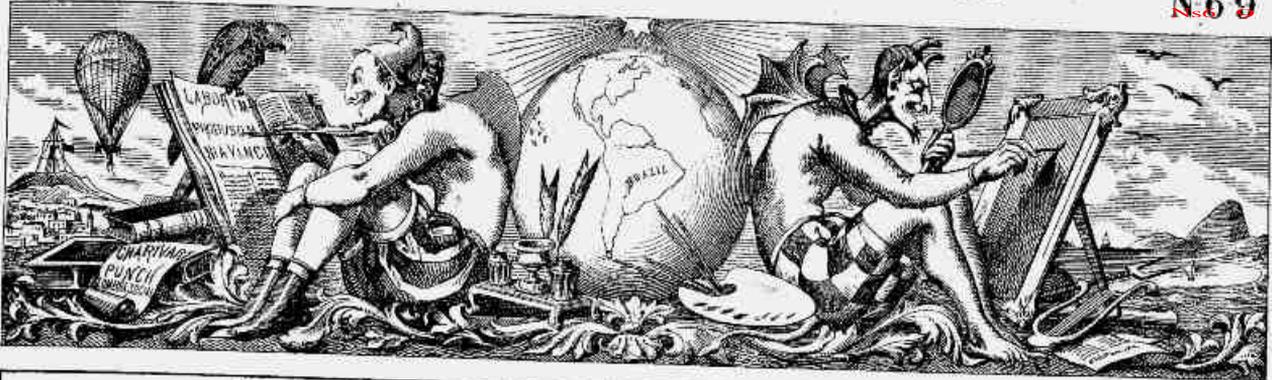


# A COMEDIA SOCIAL

Anno 2

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 69



### Advertencia

Pede-se a quem quiser mandar artigos ou desenhos para a Comedia social, se digno de remetellos a redaccão - Rua do Rozario Nº 43, 1º andar - onde se recebem assignaturas(?)

### Preço das Assignaturas

ANNO <input type="checkbox"/> 2000 SEMESTRE <input type="checkbox"/> 1000 NUMERO AVULSO <input type="checkbox"/> 200	Corte e Jitberrohoit <input type="checkbox"/> 500 Para as Provincias ANNO <input type="checkbox"/> 140000 SEMESTRE <input type="checkbox"/> 60000
--	--

### Programa

A Comedia Social tem por fim: promover a educaçao do povo e sua regeneraçao physica, intellectual e moral; remediar seus direitos e interesses legitimos, até hoje deatendidos, e habilitalo por uma transiçao lenta e pacifica a governar-se a si mesmo e fazer de Brasil uma naçao grande e sempre feliz. O meio que emprega é a satira, e critica satirica dos vicios e abusos que corrompem a naçao, sociedade, da corrupçao, da desonestidade, da fraude, da injustiça, da inutilidade, da ignorancia e do charlatanismo.  
 Na falta de outro meio é de usar o mais humilde prim meio possivel de humor.



Entre actores do velho mundo.

= Como achas, amigo, este decantado paiz?  
 = Facilissimo de responder: como esta praça, como este theatro.

# A COMEDIA SOCIAL

## Alvarettiopia

O gerente da Comedia Social não pode prescindir do auxílio dos Srs. assignantes para regular a entrega desta folha, e por isso pede aos mesmos senhores, a obsequio de, a quem de qualquer falta, mandar aviso no escriptorio da redacção, rua do Rosario n. 43, b' andar.

RIO DE JANEIRO, 25 DE MAIO DE 1871.

## Uma poeira de tudo.

Frei D. Bartholomeu dos Martyres era arcebispo de Braga, gostava asinhannensas rendas da mitra em obras de cartadeir; e era por isso muito respeitad e estimado de todos.

Um dia, estando um lisongeiro conversando com elle, aconsellou-o a que mandasse construir um monumento para perpetuar sua memoria naquella cidade.

—Homem, voae! e peior do que o diabo! — respondeu o arcebispo, com santa indignação.

—Não sei porque, excellentissimo? — disse o lisongeiro, com hypocrisia.

—Porque voae! quer converter o pão dos pobres em duas pedras, quando o diabo aconsellou Jesus Christó para que das pedras fizesse pão.

No relatório do presidente da municipalidade de Assumpção do anno findo, lê-se o seguinte pedaço de outro, digno de memoria:

« O melhoramento e accio das rasevasM confiado a sciencia. Brevemente em nossas mãos surgirão jardins de arvores santificadas, com ramos symmetricamente collocados. »

Um collector e seu escravo, andando em arrecadação das rendas provinciaes, chegaram a casa de um estrangeiro que tinha uma pequena loja de fazendas e lhe perguntaram primeiramente:

—Como vai de saude?

—Mim passa bem; come bem, muito brigada; respondeu elle.

—Tem feio negocio?

—Si, si, muito brigada, mim ganha muito dinheiro, muito brigada.

—O Sr. gosta desta cidade?

—Oh! si, si, e muito grande, tem muito moça bonita, muito brigada.

—Pois, senhor, nós viemos buscar dinheiro para pagar a taxa do seu escravo e o imposto pessoal.

—Oh! mim não intende portuguez.

O amor pode entrar-se de dois modos oppositos: ou auctoritativo e a pessoa amada ou de lá nos aproximando demasiado.

## RECADOS DOS AMIGOS

### BOA NOITE

Filha do meu coração,  
Junto a mim veni te sentar:  
Aqui vai a noite escura,  
E tempo de repousar.  
Alas, se não teus sonoros, escuta,  
Quero uma historia contar.

No outro tempo e em outra terra  
Fazti caso aconteci  
Com poeira, mal, poeira velha,  
Mãe e velha, como eu,  
E sua filha, o seu anjo  
Como tu és o anjo meu.

Proximo ao casal um bosque  
Fama antiga condemnava,  
E a velha mãe que extrema  
A sua filha zelava,  
« Não entes, naquillo bosque! »  
Cada dia lhe clamava.

Foi feo outro tempo que o caso  
Se passou que ouves de mim.  
Foi no outo terra, e bem longe,  
Em selva encantada em fim.  
Mas o tempo, a terra, os bosques,  
Filho, são todos assim.

Foi um dia, dona Branca  
Seu velha mãe deixou,  
E sozinha, descuidosa  
Pela selva se entranhou.  
« Não entes, naquillo bosque!... »  
Aí consellou que olvidou.

« Dentro da selva fatal  
« Scape, traída, se cria;  
« Filha, do meu coração,  
« Tu és a minha alegria!  
« Não entes, naquillo bosque!... »  
Mil vezes a mãe dizia.

Foi um dia, dona Branca  
Junto a selva passeava;  
E a pobre mãe que demora  
Com sua filha sonhava:  
« Não entes, naquillo bosque! »  
Ainda em sonhos clamava.

E um saue e lento canto  
Prouto da selva se ouvia:  
Foi uma voz encantada  
Que a pobre mãe alheava:  
Dona Branca entrou no bosque:  
Mas o canto lhe fugio.

Pela selva se internava,  
Dona Branca andava... andava...  
Incutu, e igualmente perto  
Da terra voz se julgava.  
A encantada voz sonora  
Mais ao longe se escutava.

Morou o dia, a noite chega,  
O bosque se escureceu,  
E tarde então dona Branca  
Do que fez se arrependeu:  
Pobre mãe andava... andava...  
Tanto andou que se perdeu.

Pobrezinha! desolada  
Solhou gritos, mas em vão!  
Ao longe apenas se ouvia  
Alheava exclamação:  
« Não entes, naquillo bosque,  
« Filha do meu coração! »

De repente a selva toda  
Como em fogo se acendeu:  
Dona Branca estremecendo,  
Tarde, os passos suspendeu.  
E brilhante, como o raio,  
Tredá segro o collo ergueu.

Em encantada serpente,  
Que com voz de anjo falava:  
Tinha um olhar que prendia,  
Quando em algum se fitava,  
E quanto um seo morria,  
Como que o seo hejjava.

E esse olhar ardente e fixo  
A donzella fascinou:  
Infeliz, misera moça  
Quedou, tremendo se deixou,  
Empuando a sego traidora  
Pouco a pouco se chegou.

E as frias brisas do norte  
Em torro soprando estão,  
Traçando lá de bem longe  
Alheava exclamação:  
« Não entes, naquillo bosque,  
« Filha do meu coração. »

O bello, mimoso corpo  
A serpente emfim tocou:  
Que locumento subido  
Ao seo por fim chegou,  
E la erguendo a cabeça  
O olhar de luzes mostrou.

Dona Branca, embaldo exclama  
Cheia de terror e dor:  
« Meu seo, poeira, o serpente,  
« E bego de um quei amor!  
« Não manholes, meu seo, virgem,  
« Tinha a vida; e melhor. »

Kus,illus da selva, laurel,  
Zombando dessa alheação,  
De Branca a voz no ar perdendo  
Com a pungente exclamação:  
« Não entes, naquillo bosque,  
« Filha do meu coração. »

Vil, maldade, sem respeito  
A innocencia que gemeu,  
Mas vezes virgem seo  
Serpente infame mordendo,  
Depois, mais infame ainda  
Fugiu, desapareceu.

Só, perdido no deserto  
Dona Branca errante vaga,  
Quem-alho o seo um veneno  
Que e feo que lá se estava:  
E ja tarde, a mãe lembrando,  
Bemmo horrivel a esmaga.

Tinha o seo envenenado,  
Mas, a della! no seo morria:  
O veneno em sua mancha,  
Que lavava não podia,  
E tanto a vida infamava,  
Que um bem a morte seria.

Notas intrinsecas chorando,  
Com o pranto que derramava  
A noiva do novo seo  
A infeliz moça lavava,  
E lagrima mais o fazia,  
Mas vivo a noiva tornava!

Ao desespero levada,  
Seu fiado corpo feriu,  
E lavou a noiva horrivel  
Com o sangue que sahia,  
E banhado o empallido, e a brisa,  
Mais claro a mancha se viu!

Em um veneno horrivel,  
Que o seo seo desaguou!  
Em uma dor sem remedio  
Que ás vezes a morte inspira;  
Em uma noiva que nunca  
Nem pranto nem sangue tira!

Solhou Branca a voz pungente,  
Heppesido do alheio:  
« Oh serpente! lava a noiva!  
« Tu podias, tem compaixão! »  
Só os echos responderam:  
Mas só responderam: — « não! »

« A tua voz, encantou-me,  
« Foste a minha perdição!  
« Serpente, póde salvar-me,  
« Eu, le acua, tem compaixão! »  
Só os echos responderam:  
Mas só responderam: — « não! »

Rolou o chão, pela terra  
A chorar desesperado:  
Chorou demais, chorou tanto,  
Que, a alma em pranto esgotada,  
Passou de filha perdida  
A infeliz desvairada.

« Já não vi, porém muitos  
« A viram na solidão,  
« Magro, desgredado, louca,  
« Bepefido a exclamação:  
« Não entes, naquillo bosque,  
« Filha do meu coração! »

« Já de dona Branca a historia  
« Tinha, que ouvis de mim:  
« Foi no outro tempo e bem longe,  
« Em selva encantada em fim;  
« Mas o tempo, a terra, os bosques,  
« Filho, são todos assim. »

Já vai alta a noite escura,  
Deves, filha, repousar,  
Dorme, como os anjos dormem,  
Sem cuidados, sem pesar,  
Mas, se perdeses o sono,  
Podas no caso pensar.

Pensa bem, que em todo tempo  
Ha sempre a mesma lição:  
Em toda terra ha serpentes,  
Em selvas de periglio!  
Ahi não entes nessos bosques,  
Filha do meu coração!...

## O ouro.

O ouro é uma tentação do diabo!...

O ouro faz sede...

Entoa as consciencias...

Obrigado a mudar de partido em politica...

Faz casar um homem de vinte annos

com uma mulher de sessenta...

O ouro bebe-se...

O ouro come-se...

O ouro é choro que abre portos...

O ouro faz matar...

O ouro reduz a lingua do homem a vas-

souza, e o coração do homem a tapete...

O ouro embriaga mais que o vinho...

O ouro embelesa e mata o vicio...

O ouro faz malagres...

E descobrisse afinal... o ouro toma-se

em elixir, ainda que seja ouro em tele-

pho...

A descoberta é franquia e digna da fran-

caso-estado da communa de Paris...

E' mesmo cousa de communa!

Foi preso um ladrão que roubava um

relogeiro...

No roubo preferiu por mais pequenos os

relogios de senhoras...

Egoismo material...

O ladrão quiz sentir menos incommo-

do, tomando relogios de senhoras em elix-

ter...

O elixir produziu seu effeito na poli-

tica!

Amor, paixão sublime do ouro!...

Basta de explicações;

Moralidade do caso: baixa de cincosenta

por cento no valor dos relogios de senhor-

as.

Não ha mais senhoras elegantes que se

exponha a comprar relógio de procedencia ou de consequencia suspeita...

Ninguem mais tem o direito de presun- tar que homens são a uma senhora...

# OS AGUSTOS E DIGNISSIMOS

## Cauteia Velha

16 DE MAIO.

Foi approvado por immensa maioria o seguinte projecto:

Considerando que as estancias de ferro são os agentes mais poderosos do progresso e da civilisação; considerando que o es- tagnamento destes pelo paiz será fatal ao monopólio dos legislatores; considerando que a estrada de ferro de Petropolis, em preza nacional, não pode reclamar contra o castigo que lhe far impostos;

A assembleia geral decreta:

Art. unico. — E' indeferido com o mais desdenhoso desprezo o requerimento da companhia da estrada de ferro de Petropolis, pedindo immo subvenção provisoria, na 17.

A camara nacional se no licenciado do pro- jectos particulares.

## Siberia.

18 DE MAIO.

Achanal-se incommodado por diversos projectos concedendo favores a empresas de estradas de ferro e outras facilitando a naturalisação de estrangeiros, e não acerta- tando facilmente com um meio de livrar- se dessa massa, o senado esboça o no seguinte (votatissimo):

O Sr. Barão Jhes. Loureiro, a proposito do voto de graças, diz que em velhos que projecta etc. que parece muito com Fran- cisco I e Luiz XIV e finalmente que o paiz fica perdido, sem remedio nem esperanca se o governo não escuta os conselhos do orador.

O Sr. Timotheo procura provar que o partido liberal não é partido nem liberal, que os conservadores deviam fazer reformas liberas, porque os liberais não as fizeram e que o elemento principal da con- servação é o progresso.

O Sr. Visconde do Rio Branco agradece os nobres senadores por não o descompo- rem mais do que fazem e diz que, se não escreveu o relatório da fazenda, foi as prova- ra; e que julga dar-lhe direito de cha- mar-se autor da causa.

na 17.

O Sr. Visconde de St. Vixente diz que é victima do pequeno espaço de partido. Os liberais o seduziram a uma escada do poder, e depois furta-lhe as suas pro- messas, decurrimo-se com a allegação falsa de que o orador não faz furar nas camaras.

O Sr. Souza Franco acha que o espirito de partido é com effeito um dos muitos vícios do partido conservador. O partido liberal, pelo contrario, só tem vícios laegos e patrióticos. Se os injuriosos e libes não a nada fizeram em beneficio do paiz, é porque sempre encimaram obisacções. O orador espera que no futuro, se não hou- ver outros obisacções, a santa causado seu partido ha de ir por diante.

O orador depois trata de questões finai- cionarias e censura o governo por esbanjar os dinheiros publicos.

O Sr. Presidente do Conselho responde que o governo é incapaz de esbanjar os dinheiros publicos, como allega o nobre senador. O que faz o gasta os patriótica- mente com o sustento dos afilhados e sob- rinhos da nação. (Applaudos: o orador é comprimentado).

na 18.

O Sr. Nabuco acha que todos os males...

do paiz provem da falta de eleições direc- tas. Kau segundhi mostra que semelhantes eleições não convém na roça por causa da influencia dos grandes proprietarios.

Uma voz.— Nem nas cidades por causa da influencia dos demagogos.

O Sr. Nabuco.— E' verdade. Entim, Sr. presidente, V. Ex. está vendo que esta é uma questão muito melindrosa e que só os liberais podem com ella.

Senhores, o partido liberal vai toroar a monarchia brazillia tão livre como uma republica; sim, senhores, tão livre: como os Estados-Unidos onde a bayoneta, em outras terras instaurando do despotismo, empregou no sublime empenho republi- cano de obrigar o povo de diversos Estados a aceitar os verdadeiros dogmas da liber- dade. Sim, senhores, naquella paz de grandes estancadas e maravilhosas até a paz se presta a ser o sustentento de instituições livres.

O Sr. Zacarias intenta a cogitar o presidente do conselho em declarar que não dissolvára a camara dos deputados. Nutrim grandes esperanças desta ministério, mais agora vê que se pode confiar só- mente n'um ministro presidente, o orador. A camara temporaria é tummy de me- ritos transaccões e presta apoio ao governo unicamente quando recem ser dissolvida.

Quanto ás 25.000 apólices (sinaes de affirmão) no camara de Reforma; sim, na impozição em outras partes da nação, o gabinete de 29 de Setembro fez mal em vendel-as ao preço do dia. Anteriormente sempre era costume descontar 2 % desse preço, quando se vendem grandes por- ções de apólices. Portanto o ministério era ou corrupto ou inepto.

O contrahir o empréstimo dos 700.000 n' 1 2 % foi grande erro financeiro, por- que quando o orador for ministro os capi- talistas procuraram empregar dinheiro no Estado, sem juros.

In-me esquecendo de dizer, concluo o orador, que voto pelo respeito a falta do tiroto.

na 22

Sendo essencial ao bem estado impe- rio saber-se se dispensa deve ser concedida ao estudante Francisco (romas da Silva, o senado gastou quasi toda a sessão na discussão desta magna questão.

Em segundhi proseguia a discussão do voto de graças, que offereceu aos Srs. Sayão Lobato e Figueira do Melho ensejo de orientar o paiz com suas opiniões sobre o estado geral do mundo.

O Sr. Aarão foi chamado a scena, mas desculpou-se, allegando que ainda soffria das fadigas em que incorreu no dia anterior, desempenhando as honras e patrió- ticas funções de juiz de chegada nas cor- ridas do Jockey-club.

## O QUE VAI POR AHI

Hum! o mundo vai mal!

O Imperador fora do Império, a magna ques- tão dos escravos em ferro, já adiantada, os partidos e espina dos primeiros actos da regencia, o ministro do Rio Branco dum como uma rociã, e o senador Jaguaribe feito a forma mi- nistro de guerra, e o conselheiro Antão feito juiz de chegada nas corridas do Jockey Club... mau, isto ha de dar por fora n'algum cata- clisma.

No parlamento a opinião dos que se regosi- jam por verem n'um paquete estrangeiro o Im- perador do Brasil, e andes temas tal qual acanhamento vendo o soberano do nosso paiz rodando dos favores que lhe quizerem prodiga- rar os senhores ingleses, a bordo do paquete, ando a migração do rei ha de por fora aliar- ter-se acto a autozinhão e o mundo de um sim- ple commandante do paquete.

Não supponha que um rei seja na essencia coisa diversa de um homem; mas acreditamos que na época actual a nação perde do seu aura,

do seu conceito, expondo e seu chefe a um certo deslum que não ha de deixar de manifestar-se nas côrtes estrangeiras, ante a augusta e bella simplicidade do Imperador.

Achinalmente desenvolve-se em todo o paiz uma especie de aborrecimento indifferencial. Cada qual tem sua queixa dos homens e das cousas, a ponto de muitos se mostrarem segui- sos por um novo estado de cousas, uma mu- dança no systema de ser, que equisito no que em linguagem do gado presidente se chama uma reformã.

O brasileiro não é pouco sangüinolento, e isto e talvez consequencia da sua má alimen- tação.

Não é pois a revolução que elle deseja; é uma mudança placida, milagrosa e sem perigo, que substitua a paz e a felichão ao systema actual transitorio, que não parece cousa definitiva.

Ahi estão porém os velhos, que não sonham nada dista; andes vivem da recordação: ando- sas do tempo em que o Brasil era colonia polí- tica, e elles os reis na terra dos cegos.

E vede! no momento em que a consciencia aspira a maior soma de liberdade passiva, em que os povos já não admittem tutela, nem sim- plesmente se lhes dirija a fiedelidade do bem e do mal, os velhos nimbos estão agarrados a assas antigas formulas de autoz e juramentos, que a epoca repella, não obstante quizerem elles im- pe-las a razão experiente dos nossos tempos.

E jurar manter a Religião Catholica Apostolica Romana, etc.

Fora bala! Vela sobre a integridade e in- dividibilidade do Império, é vosso dever: ob- servai, e haes observar a constituição politica da nação, é grande, é bello; puzaveri o bem geral lembrando em vos couber, e nobre; mas deixai a cada um a livre exercicio das suas facultades moraes, e não consolidais barreiras de separação entre a consciencia do povo e a consciencia da humanidade.

Ha entre os tempos antigos e os tempos vin- duros e que nós chamamos presente. Os velhos vivem de recordações dos tempos passados; no tempo presente elles cercam os olhos á realidade e sabemem o bem que já foi. Os adolescentes ao contrario vivem no tempo presente fruindo os bens que ha de vir.

Uns e outros estão fora da realidade. Entre uns e outros estão porém os moços, os verda- deiros moços, que têm um pequeno passado, um grande futuro, e um presente vivaz.

Desta é que devem ser a época, porque nem adolescentes nem velhos tem da época uma tão clara intuição.

Preconiza a velhice, sob pretextos que cita e expozante, é esquecer que se o tempo tem com- sigo a experiencia também tem victos, desani- mos, transaccões, emborndon muitas vezes os ca- racteres a ponto de inutilisa-los.

E contra o nosso principio que parece parti- cularmente inado o actual presidente do conse- lho, o qual, depois de passar a maior parte de sua existencia politica em pais mais atrasado e retrogrado do que o nosso, accorreu do ho- mens de entre os queles nem um só sahio do Império para ver cousa melhor.

Parece que paiz o chefe da situação a circum- stancia de ter ido um estancado a Europa, beber o saço da civilisação, ver o fecho da sciencia, da arte e da industria, depois grandemente con- tra o seu prestimo.

Seja ou não isto, o que é verdade é, que a es- colha de um ministro como o Sr. Jaguaribe, homem honrado porém curto de intelligencia e até vesgethos olhos intelligenciosos, parece confir- mar o que pensamos.

Bem faz o nobre senador Antão, que depois de ser ministro, está feito juiz de chegada nas corridas do Jockey Club.

Isto, sim, é que é comprehendido a situação, e também o meio proprio.

E o costume do Jockey assenta-lhe perfeita- mente.

Imaginem o honrado conselheiro do honrei, e com uma palha tão grande que lança sombra sobre meado do nariz.

Capu amarella, gabiato, cor do rosa, com um laço de fita na gola, do lado esquerdo, caledes justissimos acz mostrarem toda a anatomia do conselheiro; botas á esquadra, chifres e re- benque com um fofo de poço do prata.

Agora imagine-se um cavalleto do Rio Grande entre as pernas do nobre Jockey, e teramos a estatura equestre daquelle grande ministro da agricultura que tão amargos recordações deixou na repartição dos telegraphos.

1 HUABODA.



— Arre cambada do sexo forte! chegou tambem a vez do bello  
sexo governar: d'espaldas em punhos: o quem duvidar aproxime-se!



O que é Sr. Garcia, algum mau cheiro? pois o Sr. não sabe  
que a carne sahir do mutadeiro?



Afim de que os Srs. senadores e deputados não percam tempo  
de mais na presente sessão com os calculos economicos, a *Comissão Social* propõe que cada um duquele os Srs. seus mandos de us. sem  
antihocretu.



— Mamãe, quem é que governa? é Alfredo ou sou eu?  
— Nemém, Alfredo não é mais velho do que tu?  
— Mas elle disse que era o conde e eu a condessaa...



— Diga ao postador que de hoje em diante as costuras são  
com meu marido; os negocios d'Estado é que são comigo.



— Olha Joanninha, agora nós é que temos licença de namorar  
e pedir o casamento; não o imperador voltar.